

OPINIÃO

Estes europeus estão loucos?

Um acordo de investimento da UE com a China, quando se abre uma nova oportunidade para a relação transatlântica e no preciso momento da tomada de posse de Biden, só poderia ser um sinal errado.



Nuno Severiano Teixeira

30 de Dezembro de 2020, 0:15

Com o Natal, a campanha de vacinação e o acordo pós-“Brexit”, passou quase despercebido entre nós o anúncio de um acordo de investimento entre a UE e a China. E não devia ter passado, porque é da maior importância. A UE é um dos mercados mais abertos ao investimento estrangeiro. A China, pelo contrário, é um dos mais fechados do mundo. Não admira, pois, que as relações económicas entre os dois blocos sejam desequilibradas e a concorrência desleal. Ao contrário das empresas chinesas na Europa, as empresas europeias na China têm acesso dificultado, tratamento discriminatório e reduzida protecção dos investimentos. É por isso que um acordo de investimento é tão importante para a UE. E é por isso que há sete anos o tenta negociar. Ora, é também por isso que há sete anos a China arrasta as negociações.

No último semestre, porém, sob a presidência alemã, conheceram uma súbita aceleração. E, finalmente, a eleição de Biden despertou em Pequim o sentido da urgência. De tal modo urgente que dias antes do Natal, numa reunião de embaixadores dos Estados-membros, em Bruxelas, foi aprovado à pressa um documento provisório que, numa correria, deveria ser objecto de uma reunião dos responsáveis europeus, ainda antes do fim do ano. O acordo abriria a porta às empresas europeias nos sectores automóvel, da biotecnologia, da construção e dos serviços. Em contrapartida, aos investidores chineses ficaria a porta aberta no sector das energias renováveis. Um tal acordo significaria, sem dúvida, uma melhoria dos termos de acesso aos mercados. Mas ficaria muito aquém no que respeita ao tratamento não discriminatório e à protecção dos investimentos.

Primeiro, o sector dos mercados públicos continuaria fechado e as empresas europeias não teriam tratamento igual. Segundo, a China não aceita a criação de um tribunal para regular os litígios entre investidores que deveria ser objecto de uma outra negociação.

Finalmente, nos padrões laborais não há, ao que se sabe, qualquer compromisso da China relativamente ao direito de associação dos trabalhadores e, sobretudo, ao trabalho forçado, largamente usado como política de reeducação. Ou seja, progresso no acesso aos mercados, mas pouco ou nenhum na equidade concorrencial.

O acordo é importante, mas não a qualquer preço. E, de um ponto de vista económico, poder-se-ia perguntar se um tal acordo vale a pena nestes termos. Se não se deveria ir mais longe nas negociações. Mas essa não é a questão principal. A questão principal é: até que ponto as vantagens comerciais de curto prazo não vão traduzir-se em perdas políticas e estratégicas de longo prazo? Depois do acordo, a UE veria, provavelmente, reduzida a sua margem negocial em questões económicas relativas à competitividade futura, mas mais do que isso, veria reduzida a sua legitimidade e influência política em questões de princípios e valores. Mas sejamos claros, a questão crucial é de *timing*.

A China de hoje não é a do início das negociações, em 2014. [A China de Xi Jinping](#) é mais autoritária no plano interno e mais agressiva no plano internacional. 2020 foi o ano da questão uigure, da violação internacional do estatuto de Hong Kong, da coerção militar sobre Taiwan e, com [a pandemia](#), do auge da rivalidade sino-americana. Por outro lado, a derrota de Trump virou a página nos Estados Unidos. E Biden já anunciou o seu compromisso com os aliados europeus e os princípios que lhe são comuns: o regresso do multilateralismo, o reforço da Nato e a defesa da democracia e dos direitos humanos. Mais, anunciou uma nova visão da relação com a China. Longe da confrontação pura e simples dos tempos de Trump e mais próxima da visão europeia. Uma visão que combina a contenção, o desacoplamento económico selectivo e a cooperação em questões globais. E já abriu a porta a conversações com os europeus sobre “as preocupações comuns” relativamente à China e manifestou interesse numa cooperação estratégica.

Ora, um acordo com a China quando se abre uma nova oportunidade para a relação transatlântica e no preciso momento da tomada de posse de Biden, só poderia ser um sinal errado. Sou dos que acredita na autonomia estratégica da Europa, mas num mundo cada vez mais dividido entre autoritarismos e democracias, autonomia estratégica não pode querer dizer equidistância. Vale a pena esperar e pensar duas vezes. Porque a concretizar-se o acordo, agora, só me faz lembrar o que o Asterix dizia dos romanos: estes europeus estão loucos.

LER MAI

Professor catedrático da Universidade Nova de Lisboa; director do Instituto
Português de Relações Internacionais
<https://www.publico.pt/2020/12/30/opiniao/opiniao/europeus-estao-loucos-1944537>